

Determinantes Comerciais da Saúde na África: Um Olhar Além da Literacia em Saúde

Neida Neto Vicente Ramos ^{1,*}, Mauer Alexandre da Ascensão Gonçalves²

¹ Instituto de Higiene e Medicina Tropical, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal.

² Centro de Estudos Avançados em Educação e Formação Médica, Faculdade de Medicina da Universidade Agostinho Neto, Luanda, Angola.

* Correspondência: neydaneto@gmail.com.

Resumo: A globalização moderna afetou profundamente a saúde pública na África, promovendo o consumo generalizado de produtos não saudáveis por meio de marketing agressivo e mídia de massa. Em Luanda, Angola, as dietas tradicionais estão sendo cada vez mais substituídas por bebidas açucaradas e alimentos ultraprocessados, ilustrando a influência dos determinantes comerciais da saúde (DCS). Corporações multinacionais exploram estruturas regulatórias frágeis, baixa literacia em saúde e vulnerabilidades sociais, contribuindo para uma rápida transição nutricional e para o surgimento de doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), como obesidade, diabetes, doenças cardiovasculares e câncer. Este artigo destaca como forças econômicas e comerciais estruturais, e não apenas escolhas individuais de estilo de vida, impulsionam essas “epidemias industriais” e agravam as disparidades em saúde. Enfrentar esses desafios requer ação política coordenada, regulação da indústria de alimentos e bebidas, promoção da literacia em saúde e mecanismos de responsabilização das corporações pelos impactos de seus produtos. Ao capacitar comunidades e fomentar mudanças sistêmicas, os países africanos podem mitigar as consequências para a saúde das pressões comerciais e apoiar o desenvolvimento sustentável da saúde pública.

Palavras-chave: Determinantes Comerciais; Saúde; África; Literacia em Saúde.

Citação: Ramos NNV, Gonçalves M. Determinantes Comerciais da Saúde na África: Um Olhar Além da Literacia em Saúde. Brazilian Journal of Clinical Medicine and Review. 2026; Jan-Dec; 04(1):bjcmr43.

<https://doi.org/10.52600/2763-583X.bjcmr.2026.4.1.bjcmr43>

Recebido: 14 Agosto 2025

Aceito: 7 Outubro 2025

Publicado: 24 Outubro 2025



Copyright: This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License (CC BY 4.0).

1. Introdução

Tempos modernos têm apresentado muitos desafios em todos os continentes. O impacto da globalização na saúde manifesta-se de várias formas, desde a rápida disseminação de doenças através das fronteiras até à idealização de um estilo de vida divertido e moderno, impulsionado por conteúdos digitais nas redes sociais e pela consequente adoção de comportamentos não saudáveis. Esses aspectos da vida moderna extrapolam o ritmo do transporte, levando à ampla distribuição de produtos prejudiciais à saúde por meio da mídia e marketing agressivo, transformando-os em bens de consumo globais.

Em Luanda, capital de Angola, observa-se um afastamento crescente das dietas tradicionais em direção a bebidas açucaradas e alimentos processados. Esta ilustração evidencia uma realidade mais ampla e preocupante: a influência crescente dos determinantes comerciais da saúde (DCS) em todo o continente africano. A disseminação de alimentos e estilos de vida não saudáveis não ocorreu por acaso; foi promovida ativamente por poderosas corporações multinacionais que, ao longo de décadas, consolidaram suas marcas e direcionaram o consumo global para produtos prejudiciais à saúde. Países em desenvolvimento têm sido particularmente expostos a essa mudança, uma vez que seus

sistemas políticos e de saúde, já sobrecarregados por doenças infecciosas, carecem de capacidade para responder de forma oportuna e eficaz às suas consequências.

Este artigo afirma que paradigmas econômicos globais insustentáveis contribuem ativamente para uma “epidemia industrial” que compromete o progresso da saúde pública alcançado nas últimas décadas. Ao priorizar o lucro e a expansão do mercado em detrimento da saúde da população, esses sistemas econômicos alteraram significativamente os padrões de vida diária e exacerbaram disparidades de saúde existentes em diversas nações africanas. A baixa literacia em saúde amplifica essa vulnerabilidade, tornando as comunidades mais suscetíveis às táticas persuasivas de marketing empregadas por corporações multinacionais. Aliadas a desvantagens sociais, estruturas regulatórias inadequadas e pressões comerciais persistentes para consumir, esses fatores geram ambientes propícios à rápida disseminação de produtos e comportamentos prejudiciais, representando um desafio significativo para a saúde pública em todo o continente. Embora o artigo enfoque a África, suas conclusões também se aplicam a outros países em desenvolvimento, onde os sistemas políticos e de saúde já enfrentam alta carga de doenças infecciosas e carecem de capacidade para intervenção rápida para controlar as consequências dessas tendências.

2. Determinantes comerciais da saúde na África e suas implicações

O comportamento humano é influenciado por diversos fatores, ou determinantes sociais da saúde, bem descritos na literatura, e por outro conjunto de determinantes econômicos que também afetam a saúde das pessoas. Por essa razão, merecem atenção da comunidade científica. Em um contexto de pobreza, baixos níveis de literacia geral, pouca sensibilidade dos programas do setor de saúde para promover a literacia em saúde e crescente proliferação de grupos comerciais focados na distribuição de produtos prejudiciais à saúde, torna-se um enorme desafio para todos manter uma dieta saudável, especialmente para aqueles com baixos níveis de literacia em saúde. Esse cenário pode ser prevalente em alguns países em desenvolvimento, particularmente em certas nações africanas.

A literacia em saúde na África não é apenas um tema promissor de pesquisa, mas uma importante estratégia para combater a influência dos determinantes comerciais da saúde. Governos e profissionais precisam promover a compreensão e a aquisição de competências pessoais que melhorem as decisões individuais e coletivas de saúde dentro da população. No entanto, é importante notar que a literacia em saúde é influenciada por diversos fatores, como o nível de educação. Embora a educação seja um fator decisivo para determinar a saúde e o desenvolvimento de uma população, ela também capacita os indivíduos com liberdade e conhecimento necessários para fazer escolhas informadas em diversas áreas da vida. A adoção de medidas eficazes para promover a literacia em saúde na África é um aspecto que requer tempo e análise cuidadosa, sendo adequado para inclusão na agenda política e econômica como uma medida a ser implementada em cada país, adaptando-se às suas dinâmicas e contextos específicos.

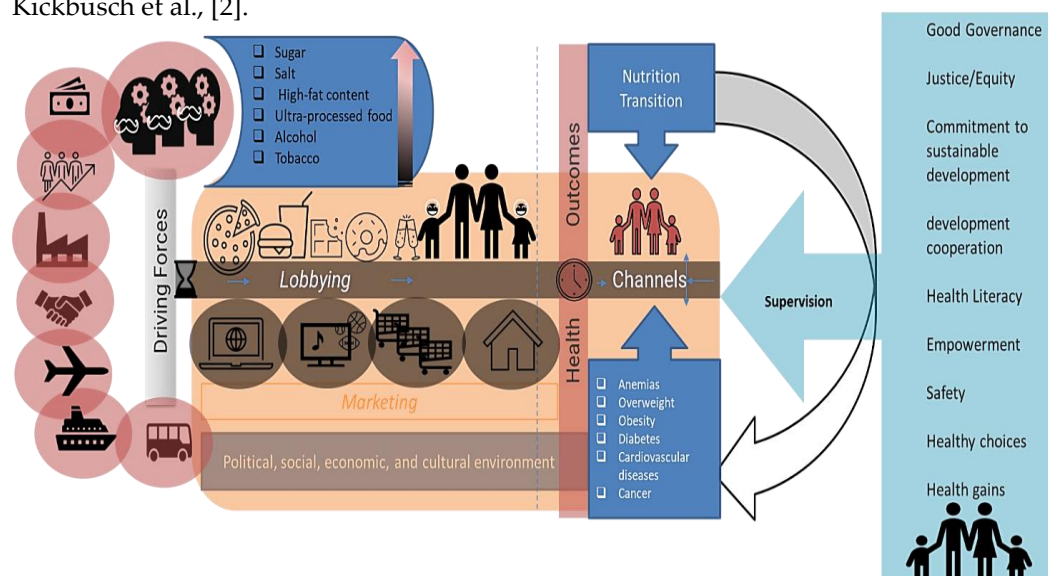
O padrão alimentar mundial passou por uma transição nutricional, do consumo de alimentos ricos em fibras, vitaminas e antioxidantes, como frutas, legumes e verduras, para alimentos densos em energia, ricos em gorduras saturadas, açúcar e sódio [1,2]. Essa transição pode estar ligada à intensificação do consumo de drogas legais, como bebidas alcoólicas e tabaco, provavelmente porque acompanham o padrão alimentar e aumentam o consumo de drogas ilegais. Drogas lícitas e ilícitas não adicionam valor nutricional ao organismo [1]. Para ilustrar como isso pode ter mudado na África, há 20 ou 30 anos, uma criança vivendo nos subúrbios de Luanda (Áreas informais, favelas) normalmente consumia uma porção de batata-doce ou mandioca com chá no café da manhã.

Hoje, crianças em Luanda são vistas consumindo bebidas açucaradas, refrigerantes e bolos no café da manhã, sem que os adultos percebam o erro alimentar e o padrão de consumo que está sendo criado para a sociedade africana moderna. Essas práticas não foram absorvidas apenas de programas de televisão, como filmes e séries, mas também

observadas nos mais diversos anúncios publicitários, incluindo aqueles que promovem produtos não saudáveis, exibidos frequentemente em eventos esportivos, ruas, folhetos de supermercados, jornais e rádio.

A mudança de paradigma mencionada acima levou a problemas de saúde relacionados ao ganho de peso, obesidade, hipertensão e outros distúrbios metabólicos (ver Figura 1), representando risco para o desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis (DCNTs) [3,4]. Essas doenças têm potencial de impactar negativamente a saúde das pessoas mais iletradas e pobres, causando incapacidade e mortalidade prematura. Isso, por sua vez, pode ampliar ainda mais as barreiras para atingir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 [5].

Figura 1. Mecanismo de funcionamento dos determinantes comerciais adaptado de Kickbusch et al., [2].



O quadro conceitual apresentado na Figura 1 delinea os mecanismos pelos quais os determinantes comerciais da saúde (DCS) operam no contexto africano. Em sua base estão as forças motrizes, representadas por corporações transnacionais nos setores de alimentos, álcool e tabaco, cujo poder econômico é ampliado pelo comércio global, investimentos e cadeias de suprimento. Esses atores exercem influência por meio de estratégias de lobby que moldam ambientes políticos, sociais e culturais, frequentemente minando iniciativas regulatórias e garantindo políticas que priorizam a expansão comercial em detrimento da saúde pública. Seu alcance é ainda ampliado por diversos canais de influência, incluindo publicidade em massa, patrocínio de eventos culturais e esportivos, uso estratégico de mídias digitais e campanhas de marketing onipresentes, que contribuem para a normalização de padrões de consumo não saudáveis.

O efeito cumulativo desses processos é a transição nutricional em andamento, caracterizada pelo deslocamento de práticas alimentares tradicionais para alimentos ultra-processados ricos em açúcar, sal e gorduras saturadas, alimentando a crescente prevalência de anemia, obesidade, diabetes, doenças cardiovasculares e câncer. Enfrentar essas trajetórias requer o fortalecimento de mecanismos de supervisão, englobando boa governança, formulação de políticas orientadas à equidade, avanço da literacia em saúde e empoderamento das comunidades, com o objetivo predominante de criar ambientes que possibilitem escolhas mais saudáveis e gerem benefícios sustentáveis para a saúde.

O aumento das DCNTs é uma manifestação de um sistema econômico global que, paradoxalmente, prioriza a criação de riqueza em detrimento da saúde do consumidor, e isso se aplica também à África [2]. O poder corporativo se expande à medida que mais pessoas são alcançadas por diversos canais, e suas escolhas de consumo tornam-se cada vez mais condicionadas [6]. Isso produz uma ilusão de liberdade de escolha comercial,

determinada pelas multinacionais que administram os hipermercados, disponibilizando para venda os produtos de seu interesse [6]. Os DCS representam um conjunto de estratégias usadas pelo setor privado para promover produtos e escolhas não saudáveis. Esses determinantes são consequência de modelos econômicos insustentáveis [7] e alteram sistematicamente os estilos de vida de pessoas e comunidades em larga escala, minando a autonomia de escolha e produzindo as “epidemias industriais do século XXI” [8].

O controle de seus efeitos sobre a população deve ser implementado de forma estrutural e coordenada entre governos e diferentes atores. Também é essencial que as multinacionais responsáveis pela fabricação e distribuição massiva desses produtos nocivos à saúde humana sejam conscientizadas sobre as consequências do consumo desses produtos. Deve haver preocupação com a rápida expansão de grandes corporações multinacionais que promovem alimentos não saudáveis em mercados emergentes como a África, onde têm se expandido desde o final do século XX, possivelmente devido à baixa conscientização, regulamentação insuficiente, baixa literacia em saúde e à presença de uma população jovem [9,10].

3. Contribuição para a Promoção da Saúde

Em conclusão, a ampla comercialização de alimentos e bebidas ricos em açúcar, sal e gorduras saturadas está impulsionando o que pode ser descrito como uma “epidemia industrial” em toda a África. Essa tendência não é apenas resultado de escolhas individuais de estilo de vida; é essencialmente produto de estratégias calculadas adotadas por corporações poderosas que se expandem em mercados com regulamentação limitada, baixos níveis de literacia em saúde e alta vulnerabilidade social. O resultado tem sido uma transição nutricional rápida, com profundas implicações para a saúde da população e a sustentabilidade dos sistemas de saúde. Enfrentar essas forças requer o reconhecimento de que os determinantes estruturais, e não apenas a responsabilidade individual, estão no cerne desse desafio.

Reverter essas trajetórias exigirá maior vontade política e ação coordenada. Os governos devem reforçar a regulamentação do setor de alimentos e bebidas por meio de políticas fiscais e restrições à publicidade direcionada a crianças e jovens. Ao mesmo tempo, incorporar a literacia em saúde nos currículos escolares e nas estratégias nacionais de saúde é fundamental para capacitar as comunidades com o conhecimento e habilidades necessários para resistir às pressões comerciais. Igualmente importante é a criação de mecanismos que assegurem responsabilidade, promovendo a colaboração entre governos, sociedade civil e instituições de saúde pública para responsabilizar as corporações multinacionais pelos impactos à saúde de seus produtos. Tais medidas são essenciais para proteger as gerações mais jovens, reduzir a mortalidade evitável e restaurar a saúde como base para o desenvolvimento social e econômico de África.

Financiamento: Nenhum.

Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa: Nenhum.

Agradecimentos: Nenhum.

Conflitos de Interesse: Os autores declaram não haver conflito de interesse.

Materiais Suplementares: Nenhum.

Referências

1. Robinson M. Eating ourselves to death: how food is a drug and what food abuse costs. *Drug Sci Policy Law*. 2022;8:20503245221112577.
2. Kickbusch I, Allen L, Franz C. The commercial determinants of health. *Lancet Glob Health*. 2016;4(12):e895–e896.
3. World Health Organization. Diet, nutrition and prevention of chronic diseases: report of a joint FAO/WHO expert consultation. Geneva: WHO; 2003. (WHO Technical Report Series, 916).
4. Azevedo EC de C, et al. Padrão alimentar de risco para as doenças crônicas não transmissíveis e sua associação com a gordura corporal: uma revisão sistemática. *Cien Saude Colet*. 2014;19:1447–1458.

5. Horton R, Suh S. WHO's Director-General candidates: visions and priorities. *Lancet*. 2016;388:2072–2095.
6. Kickbusch I. Addressing the interface of the political and commercial determinants of health. *Health Promot Int*. 2012;27(4):427–428.
7. Organização Pan-Americana da Saúde. Marco de referência sobre a dimensão comercial dos determinantes sociais da saúde na agenda de enfrentamento das doenças crônicas não transmissíveis. Brasília (DF): OPAS; 2020. 38 p.
8. Majnoni D'Intignano B. Epidémies industrielles. *Commentaire (Rev)*. 1995;(71):557–565.
9. Moodie AR. Big alcohol: the vector of an industrial epidemic. *Addiction*. 2014;109(4):525–526.
10. Stuckler D, Nestle M. Big food, food systems, and global health. *PLoS Med*. 2012;9(6):e1001242.